



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA AMAMBAI  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM  
ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA**

**EVA MARIA CARDOSO MACIEL**

**A REPRESENTAÇÃO DO GUIA LOPES NO ENSINO DE HISTÓRIA REGIONAL**

**AMAMBAI MS  
JULHO/2020**

**EVA MARIA CARDOSO MACIEL**

**A REPRESENTAÇÃO DO GUIA LOPES NO ENSINO DE HISTÓRIA REGIONAL**

Dissertação de mestrado apresentada na forma de artigo ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Amambai, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Área de concentração: Ensino de História.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Suzana Arakaki.

**AMAMBAI MS  
JULHO/2020**

# **A REPRESENTAÇÃO DO GUIA LOPES NO ENSINO DE HISTÓRIA REGIONAL**

**EVA MARIA CARDOSO MACIEL**

## **DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE**

Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, Unidade Amambai MS

### **BANCA EXAMINADORA:**

Presidente e orientadora:

Dr<sup>a</sup> Suzana Arakaki

(UEMS)\_\_\_\_\_

2<sup>a</sup> examinadora:

Dr<sup>a</sup> Ana Paula Squinelo

(UFMS)\_\_\_\_\_

3<sup>a</sup> examinadora:

Dr<sup>a</sup> Manuela Areias Costa

(UEMS)\_\_\_\_\_

Amambai MS 15 de julho de 2020.

MACIEL, Eva Maria. A representação do Guia Lopes da Laguna no ensino de História Regional. Dissertação ( Mestrado Profissional em Ensino de História-ProfHistória), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Amambai, 2020.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo discutir elementos históricos que envolvem a criação de um herói e a representação deste dentro do Ensino de História Local. Para tanto, buscou-se realizar inicialmente a apresentação do objeto dessa pesquisa, o Guia Lopes, no cenário da Guerra do Paraguai. Em seguida a pesquisa traz algumas reflexões teóricas conceituais acerca de conceitos e temáticas como, representação, memória e Ensino de História para apontar o caminho escolhido na etapa final do trabalho de pesquisa. Foram elaboradas oficinas temáticas como sugestão para professores que trabalham na disciplina de História no município de Guia Lopes da Laguna. Para construção do trabalho descrito acima foram utilizadas fontes bibliográficas e aplicação de questionário, essas fontes se configuram no nosso principal material de análise e subsidiaram a construção da pesquisa em todas suas etapas. A Guerra do Paraguai é um tema que aparece em muitos trabalhos de História no Brasil, no Paraguai e nos outros países envolvidos. Nosso desafio aqui é tornar o tema significativo para estudantes que estão ao mesmo tempo distanciados cronologicamente desse fato histórico e convivem com fragmentos de história local que faz a Guerra do Paraguai muito presente nas narrativas, símbolos e na memória dos habitantes do município.

**Palavras-Chave:** História. Ensino de História. História Local. Representações.

MACIEL, Eva Maria. A representação do Guia Lopes da Laguna no ensino de História Regional. Dissertação ( Mestrado Profissional em Ensino de História-ProfHistória), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Amambai, 2020.

## **ABSTRACT**

The object of the present work is to discuss historical elements that involve the creation of a hero and his representation within the Teaching of Local History. In order to do so, we initially sought to present the object of this research, Guia Lopes, in the scenario of the Paraguayan War. Then, the research brings some conceptual theoretical reflections about concepts and themes such as representation, memory and History Teaching in order to point out the path chosen in the final stage of the research work. Thematic workshops were developed as a suggestion for teachers working in the discipline of History in the municipality of Guia Lopes da Laguna. To accomplish the work described above, bibliographic sources and application of questionnaire were used, these sources are shown in our main analysis material and supported the accomplishment of the research in all its stages. The Paraguayan War is a theme that appears in many works of history in Brazil, Paraguay and other countries involved. Our challenge here is to make the topic meaningful for students who are at the same time chronologically distanced from this historical fact, and who live with fragments of local history which makes the Paraguayan War very present in the narratives, symbols and memories of the inhabitants of the municipality.

**Key words:** History. History teaching. Local History. Representations

## SUMÁRIO

|                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO.....                                             | 06 |
| 1. CAPÍTULO 1                                               |    |
| 1.1 A GUERRA DO PARAGUAI E A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA..... | 11 |
| 1.2 HISTÓRIA E REVISIONISMO SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI..... | 12 |
| 2. CAPÍTULO 2                                               |    |
| 2.1 O GUIA DA RETIRADA DA LAGUNA.....                       | 16 |
| 3. CAPÍTULO 3                                               |    |
| 3.1 O PAPEL DO PRESENTÍSMO NO ENSINO DE HISTÓRIA.....       | 19 |
| 3.2 DESAFIOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....                 | 22 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                | 27 |
| 5. REFERÊNCIAS.....                                         | 28 |
| 6. ANEXO A.....                                             | 30 |
| 7. ANEXO B .....                                            | 32 |

## INTRODUÇÃO

“Homem de quarenta e sete anos de idade, baixo e aparentemente robusto, feições regulares, tez morena-escura, olhos negros e vivos, tinha larga testa e belo crânio, completamente calvo, que dos paraguaios lhe valeu injuriosa alcunha. Sempre sério e preocupado, era visto solitário, ou a conferenciar com o velho sertanista que nos servia de guia, José Francisco Lopes”.

Essa apresentação foi construída no século XIX por Alfredo d' Escagnolle Taunay em *A Retirada da Laguna* que relata sobre o olhar do autor o famoso episódio da Guerra do Paraguai. Diante disso apresentamos nosso objeto de pesquisa e tema no qual está entranhando os elementos históricos de um sujeito do seu tempo, que ao longo da construção da narrativa histórica sobre a Guerra do Paraguai se tornou um personagem histórico, um herói. Outros trabalhos que tiveram acesso a outras fontes apresentam o guia ressaltando as características do sertanejo e do homem que era. Como, por exemplo, na obra de Dourado (2005), a autora destaca o espírito desbravador e conquistador ao apresentar a família Lopes, o pai Antônio Francisco Lopes e os filhos Joaquim Francisco Lopes, Gabriel Francisco Lopes e José Francisco Lopes, o Guia Lopes. Homens que deixavam sua região de origem e saíam em busca de riquezas, traziam consigo tudo o que tinham: escravos, objetos, ferramentas, família e fixavam-se nas terras que até então estavam sob o domínio indígena e que não tinham fronteiras delimitadas.

Nosso trabalho de pesquisa tem como objetivo observar como foi inserido o herói Guia Lopes nos diferentes momentos da história, e como isso se reflete dentro do Ensino de História Local no município de Guia Lopes da Laguna.

O processo de povoamento e municipalização de Guia Lopes da Laguna está ligado diretamente a construção da chamada “Ponte Velha” que foi concluída em 1938. Nessa época fazendeiros e trabalhadores que habitavam a região sudoeste do Mato Grosso do Sul reuniram-se e após a doação de terra feita por José Francisco Lopes, filho do Guia Lopes, foi fundado o povoado Patrimônio de Guia Lopes. Em 1942 o núcleo urbano passou a ser chamado de Povoado de Guia Lopes da Laguna, já no ano de 1948 o povoado tornou-se distrito de paz do

município de Nioaque. Em 1953 foi emancipado, assim o distrito elevou-se a categoria de município com o nome de Guia Lopes da Laguna<sup>1</sup>.

A presença dos militares responsáveis pela manutenção das rodovias entre os municípios de Aquidauana, Bela Vista e Porto Mortinho foi um ponto de partida para o início do povoamento que mais tarde se tornaria o município de Guia Lopes da Laguna. A história desses homens que serviam na 1ª Companhia do 3º Batalhão de Sapadores, sob o comando do então Capitão Teodorico de Farias, é a história das primeiras famílias que se estabeleceram na região que hoje forma os municípios de Jardim e Guia Lopes da Laguna.

A proposta dessa pesquisa está dividida em três partes, inicialmente temos uma breve reflexão sobre os caminhos percorridos pela historiografia brasileira que trata da temática Guerra do Paraguai da metade do século XX a contemporaneidade pensando em apresentar nosso ponto de partida e destacar as referências históricas que foram consideradas para a construção do objeto de pesquisa. Nessa parte do trabalho também estão propostas reflexões teóricas acerca dos conceitos e abordagens históricas que nortearam o caminho da pesquisa, memória, representação, história local. Para essa tarefa contamos com as contribuições teóricas de Roger Chartier, François Hartog, José D' Assunção Barros entre outros.

Em seguida apresentamos algumas discussões relacionadas ao ensino de história destacando o atual cenário e o lugar ocupado pela temática Guerra do Paraguai nas escolas públicas do município de Guia Lopes da Laguna. Considerando as conexões que são realizadas, ou não, entre a temática e o nosso objeto de pesquisa. Na última parte temos a discussão sobre a metodologia, que escolhemos para elaborar nosso material, as oficinas. Nessa parte do trabalho contamos com análise e um pequeno questionário aplicado aos professores que atuam na disciplina de História nas escolas do município. Colocamos ao final o material elaborado que poderá ser utilizado para trabalhar a temática Guerra do Paraguai e História Local com os alunos do oitavo ano do Ensino fundamental. Trata-se de quatro oficinas temáticas que abordam sugestões para professores que trabalham no oitavo ano do Ensino Fundamental. As oficinas pedagógicas são instrumentos que possibilitam o aluno compreender como sujeito da construção do seu conhecimento. Utilizando essa metodologia o professor deve observar os conhecimentos advindos da relação que o aluno estabelece com o meio em que vive, suas

---

<sup>1</sup>Informações retiradas do site do Professor Vicente Damolim historiador que debruçou-se anos em pesquisar a história do município de Guia Lopes da Laguna. Disponível em: <<http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com/2012/03/capitulo-24.html>> Acesso em: 11 jul. 2020.

relações sociais e experiências podem ser exploradas como ponto de partida para elaboração de um trabalho direcionado. Para além dos elementos apontados as oficinas podem se configurar em um espaço onde o aluno exercita sua criatividade e desenvolve as aptidões necessárias para um trabalho em equipe.

Quando falamos sobre História Regional entramos em um tema frequentemente discutido por professores que atuam na disciplina de História, na maioria das vezes a questão colocada é pertinente ao material didático que chega até as escolas. O plano Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul em sua meta 7 sobre a qualidade do ensino no estado apresenta a seguinte estratégia: 7.46 participar, em articulação com os entes federados, do programa de formação de professores(as) e de estudantes para promover e consolidar política de preservação da memória nacional, estadual e municipal; (2014, p.59). A formação continuada do professor pode ser uma das estratégias para que as pesquisas com temáticas regionais sejam transformadas em material de uso didático. Afinal, partimos da premissa que o professor/pesquisador tem base teórica e prática para participar desse processo de elaboração de um material que atenda suas necessidades em sala de aula.

Dentro desse panorama de pensar a História Regional e essa questão das especificidades regionais aparecem na Base Nacional Comum Curricular de 2018 as habilidades e competências específicas que cada ano do Ensino Fundamental deve contemplar em todos componentes curricular. No que diz respeito a disciplina de História o tema Regional aparece de forma clara e objetiva na unidade temática do terceiro ano do Ensino fundamental I intitulada “O lugar em que vive”, onde aparece como objeto do conhecimento “A produção dos marcos da memória: os lugares de memória (ruas, praças, escolas, monumentos, museus etc.)” (BNCC, 2018, p. 410). Como se trata de um documento norteador dos currículos dos diversos estados brasileiros essa questão das regionalidades foi transposta como uma tarefa para cada um dos Estados brasileiros.

No ano de 2019 foi elaborado o Currículo do Estado de Mato Grosso do Sul. Esse documento resultou de amplo debate com a comunidade escolar e especialistas da área da educação, um avanço na aplicação da chamada gestão democrática do ensino. Com isso na etapa II do Ensino fundamental a História Regional está contemplada de forma ampla no oitavo ano do Ensino fundamental onde aparece o nome do Estado Mato Grosso do Sul aparece sete vezes nos itens ações didáticas e objeto do conhecimento, sendo que em quatro dessas o objeto do conhecimento está relacionado a temática Guerra do Paraguai (Currículo do MS, 2019,

p.750-768). Como, por exemplo, nesse trecho onde o documento sugere os pontos que devem ser observados no que chama de ações didáticas:

Nesta habilidade deve-se atentar aos legados para a história de Mato Grosso do Sul, levando em conta as transformações políticas, econômicas e os desdobramentos sociais no pós-guerra com o Paraguai. Suscitar análises quanto às transformações que, gradativamente, ocorreram após esse período: nova configuração da fronteira oeste, construção de ferrovias, linhas telegráficas, criação de quartéis e a concessão à Companhia Mate Laranjeira. Cabe questionar, como o poder central passou a enxergar esse território após a Guerra? No que diz respeito à preocupação com delimitações mais precisas em relação as fronteiras, é viável destacar a demarcação de terras e expropriação de terras indígenas que passaram a ser consideradas “devolutas”, gerando sérias consequências para essas populações, que, na história do presente, reivindicam a retomada de seus territórios (CURRÍCULO DO MATO GROSSO DO SUL, 2019, p. 764).

É possível observar com esses dados citados que existe um movimento que busca firmar a História Regional dentro das práticas escolares, mas isso já aparece em outros documentos e leis que norteiam a educação básica no Brasil. Os Parâmetros Curriculares de Geografia e História (1997) destacam a História local como ponto de partida para que os alunos consigam estabelecer relações sociais e econômicas no seu próprio tempo, bem como reconheçam a presença de outros tempos no seu cotidiano. Na Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) traz em seu artigo 26 o seguinte texto sobre:

Os Currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais, da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (LDB, 1996).

Nesse sentido a História Regional cumpre um papel primordial para garantir no currículo essa diversidade regional considerando as especificidades locais e buscando apresentá-las de maneira significativa nos bancos escolares. As pesquisas com temática regional precisam romper os muros da academia e adentrar as escolas de educação básica. Mas afinal, como podemos definir a História Regional?

A História Regional ocupa espaço nas pesquisas acadêmicas, segundo Janaina Amado (1990) a partir da década de 70 quando a geográfica crítica começa a discutir e usar um novo conceito de região, não mais ligado somente a questões naturais do espaço, mas sim das relações produzidas entre o homem e o espaço, inclusive as relações de produção. Nesse mesmo período

ocorre a expansão dos programas de pós-graduação para regiões do interior do Brasil. Esses dois fatores aproximaram essa relação entre História e Geografia, e assim conceitos são tomados de ambas ciências para elaboração de novas áreas de pesquisas. Assim insere-se na historiografia a História Regional que pode ser definida como:

A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social. Por isso quando emerge das regiões economicamente mais pobres, muitas vezes ela consegue também retratar a História dos marginalizados, identificando-se com a chamada “História popular” ou “História ia dos vencidos” (AMADO, 1990, p.13).

O fazer História Regional, ou seja, a historiografia, ao mesmo tempo que é uma forma de aproximar o indivíduo da História, também se coloca como um grande desafio para historiadores na medida que os coloca de frente para um manancial de fontes que muitas vezes estão em posse de determinados grupos sociais que não tem interesse que se construa uma nova história diferente da tradicional. Afinal a História tradicional foi aquela que legitimou a hierarquia social em determinadas regiões. Por isso quando falamos de História Regional estamos falando de diversos elementos, procedimentos metodológicos (como chegar as fontes), questão social, econômica que formam o conceito de um lugar singular de um determinado grupo que consegue ser visualizada por diversos aspectos uma totalidade.

Ao refletir sobre esse tema História Regional devemos considerar que os professores definem como regional uma delimitação política e espacial que chamamos de Estado. No entanto devemos nos atentar para a presença das diversas etnias, culturas que mantêm relações que foram constituídas historicamente. A Guerra do Paraguai é um evento histórico que carrega como um dos elementos a presença dessa diversidade, militares, escravos, comerciantes, mulheres vindos de várias parte do Brasil encontraram nessas terras povos indígenas que tiveram papel importante durante o conflito e seu desenrolar em terras mato-grossenses.

## **CAPÍTULO 1**

A Guerra do Paraguai (1864-1870) como é chamada no Brasil, se apresenta como tema de pesquisas regionais, internacionais e nacionais na tentativa de preencher lacunas que surgem na medida em que avançam as interpretações da Nova História. O conflito envolveu diretamente quatro países, de um lado o Paraguai comandado por Francisco Solano Lopez (1827-1870) do outro, os aliados Brasil, Argentina e Uruguai.

Após cinco anos de combate os resultados para o Paraguai foi devastador, sua população diminuíra em três quartos, muitos morreram em combate, outros de epidemias e fome, economicamente suas forças produtivas foram destruídas, o país ainda ficou por seis anos sob o domínio das forças de ocupação. Para o Brasil, que venceu a guerra ao lado dos aliados restou as dívidas, a questão da escravidão, uma ferida a ser curada (já que muitos ex-escravos e lutaram no exército brasileiro) e o fortalecimento dos militares. Segundo Francisco Doratioto (2013), os planos de Solano Lopez era uma guerra relâmpago contra Argentina e Brasil para garantir o acesso paraguaio ao Oceano Atlântico. Ele tinha apoio de caudilhos opositores ao governo de Buenos Aires, dos blancos no Uruguai e sabia que o Sul do Brasil era vulnerável militarmente. Nesse momento levantamos algumas abordagens sobre a temática Guerra do Paraguai no campo da historiografia brasileira, com o objetivo de mostrar sobre qual perspectiva iremos inserir nosso objeto o Guia Lopes dentro dessa temática para trabalhar o Ensino de História Local.

### **1.1 A GUERRA DO PARAGUAI E A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA**

O tema Guerra do Paraguai já passou por diversos estágios no que tange a historiografia. A primeira abordagem que valorizava os feitos militares, a política exaltava os heróis e que conhecemos como História positivista. Essa historiografia acerca da Guerra do Paraguai tinha como objetivo contribuir com o projeto de construção da nação, através da valorização das grandes batalhas, da honra militar e do fortalecimento dos símbolos nacionais. Elementos que podem ser notados claramente nas obras memorialistas escritas por militares que figuraram por muito tempo como descrição fiel o que aconteceu no teatro de guerra. Tomamos como exemplo as cartas de Benjamin Constant que além das questões cotidianas da guerra exaltava o valor dos militares e a importância de defender a pátria. Tiago Gomes de Araújo nos aponta como Benjamin apresenta em trechos de suas cartas a bravura dos militares e o sacrifício pela pátria

como algo que enobrece o indivíduo, fala da coragem do inimigo para ressaltar a vitória sobre eles como um ato heroico de maior grandeza. Essas marcas são encontradas também nos relatos produzidos por Taunay em a Retirada da Laguna como podemos observar no seguinte trecho:

Em 1865 – ao arrebentar a guerra que Francisco Solano Lopes, o presidente do Paraguai, na América do Sul suscitara sem maior motivo do que os ditames da ambição pessoal; quando muito a invocar o vão pretexto da manutenção do equilíbrio internacional – o Brasil, obrigado a defender honra e direitos, dispôs-se, denodadamente, para a luta. A fim de reagir contra o inimigo, em todos os pontos onde podia enfrentá-lo, o plano da invasão do Paraguai setentrional acudiu naturalmente a todos os espíritos; preparou-se uma expedição para este fim (TAUNAY, 2003, p.06).

A narrativa positivista fala da honra do Brasil e de uma guerra inevitável diante das ações de um inimigo, de uma provocação, ou seja, os homens que se dispuseram a lutar na guerra compreendiam que maior que a própria vida estava a defesa da honra da pátria. Esse modelo de discurso carregado de um certo romantismo, serviu por muito tempo para manter a hegemonia de uma historiografia militar sobre a Guerra do Paraguai.

Ao levantar propostas de abordagens das cartas de Benjamin Constant, Renato Lemos(1999) reforça que a formação do exército brasileiro que seria mais tarde atribuída a Guerra do Paraguai, acaba aparecendo de forma indireta nas cartas por meio do contato com outros povos, outras formas de organização social, o sentimento de lealdade, a postura de subordinação, a figura do líder nacional e o desprendimento de servir. Dessa forma, a história que se escolheu contar sobre a guerra é a história dos vencedores que naquele momento era de grande utilidade política como podemos observar nesse trecho de Pedro Calmon

“Francisco Otaviano celebrou, em Buenos Aires, a tríplice aliança (1º de maio de 1865). As primeiras vitórias tornaram de fácil previsão o triunfo brasileiro” (2002, p.241).

Calmon em sua obra *História da Civilização Brasileira* abre o capítulo XXIII História Política do Segundo Reinado narrando os fatos políticos que ocorreram nesse período, mostrando que a guerra trouxe progresso para o Brasil citando, por exemplo, a expansão das linhas de telégrafos. Ou seja, a guerra representava para o Brasil a oportunidade de demonstrar suas potencialidades de desenvolvimento e o caminho para se tornar uma nação de influência na América do Sul.

## **1.2 HISTÓRIA E REVISIONISMO SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI**

A história que foi produzida para tratar da guerra tinha nessa abordagem positivista um campo fértil para semear a ideia da construção de uma identidade nacional, rememorando batalhas, concedendo honrarias militares e criando os heróis nacionais. Dessa forma, a guerra foi entendida por muito tempo como um evento que conseguiu agregar homens de diferentes regiões do território nacional em prol de um bem maior, a defesa de sua pátria. Essa versão foi transposta para os materiais didáticos privilegiando os grandes militares, os nomes das principais batalhas e as datas que marcaram os seis longos anos de guerra.

Em seguida temos o surgimento da historiografia revisionista, essa abordagem buscava destacar outros aspectos da Guerra do Paraguai, como o próprio nome nos remete, revendo as verdades cristalizadas pela escola positivista. O revisionismo trazia para o debate aspectos da política econômica chamada imperialista, o foco estava baseado principalmente na economia paraguaia e nas ações de um agente externo que buscava neutralizar um potencial concorrente comercial. Um dos principais representantes desse movimento revisionista foi o jornalista Júlio José Chiavenato que publicou *O Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai* em 1979, em plena ditadura militar que criticava a versão oficial patriota, até então a única conhecida no Brasil. Ao analisar as críticas que foram feitas a obra em História e historiografia: revisando a obra *Genocídio americano: a guerra do Paraguai*, de J.J. Chiavenato, Silvânia de Queiróz destaca:

Um dos pontos mais criticados da obra de Chiavenato foi a tese que o imperialismo inglês seria o grande responsável pela guerra, na atualidade, sabe-se que isso não é uma realidade, porém a obra contribuiu para a ampliação da discussão sobre o contexto mundial do século 19; a estruturação da dominação capitalista e imperialista mundial, através da implantação do modelo liberal nos países latino-americanos, com destaque para o Império, a Argentina, o Uruguai e o Paraguai (QUEIRÓZ, 2011, p.14).

A obra de Chiavenato também teve grande repercussão no Paraguai. Quando foi lançada, o país passava pelo período da ditadura de Alfredo Stroessner que soube usar politicamente em seu favor a tese defendida pelo autor como aponta Francisco Doratioto:

No Paraguai, foi um sucesso junto à direita, à ditadura do Stroessner que, para legitimar-se, se apresentava como um herdeiro da luta de Solano López e da grandeza do Paraguai, de uma suposta “idade do ouro” que, na realidade, nunca existiu e foi inventada pelo revisionismo nacionalista paraguaio (DORATIOTO, 2013, p.40).

Apesar de todo o impacto da obra de Chiavenato na historiografia brasileira e na política paraguaia, as críticas à ela ainda se fazem presentes em decorrência principalmente da ausência

de certos métodos científicos que respaldam uma pesquisa. Ao mesmo tempo que *O Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai* rompeu com a hegemonia da história positivista sobre a Guerra do Paraguai, também abriu caminho para novas abordagens historiográficas e explicações que possibilitassem fazer uma crítica ao revisionismo. Esse movimento acabou favorecendo o surgimento da historiografia contemporânea. Cada momento pelo qual passou a historiografia sobre a guerra está carregado de marcas do seu tempo, da realidade política, econômica e social pelo qual o Brasil passava. Como coloca a historiadora Ana Paula Squinelo:

[...] o primeiro, que abrange os livros escritos no período que se estende da década de 1920 até a década de 1960 do século XX, oferecendo uma visão “patriótica” do conflito, como por exemplo, as obras de Fragoso e Pombo; o segundo, que compreende os estudos divulgados a partir da década de 1960, que desenvolvem a visão “imperialista” do litígio, como os de Pomer e Chiavenato; e finalmente, o terceiro, que agrupa obras editadas a partir da década de 1980, dentre as quais destacam-se os livros de Doratioto e Sales, inovadores e menos tendenciosos (SQUINELO, 2002, p. 21).

Assim chegamos ao novo momento da historiografia que busca pensar a Guerra do Paraguai para além das batalhas, dos heróis e da ideologia política, mas têm como objetivo mudar o holofote para as relações sociais, para os sujeitos que estavam envolvidos nesse conflito histórico e que até então não apareciam nas interpretações construídas, as mulheres, os escravos, indígenas entre outros. A Nova História apresenta aos pesquisadores possibilidades de enxergar objetos e fontes que não eram entendidos como “dignos” de uma pesquisa acadêmica. A historiadora Maria Teresa Garritano Dourado produziu duas obras que explicitam muito bem esse momento da historiografia moderna, *Mulheres Comuns, Senhoras Respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai* (2005) e *A história esquecida Guerra do Paraguai: fome, doenças e penalidades* (2014). Na primeira obra Dourado pesquisa a presença das mulheres e suas ações durante a guerra, fato que foi por muito tempo pouco explorado como é apontado:

O objetivo principal do presente trabalho é, pois, penetrar no universo feminino, tentando tornar visíveis as mulheres que estiveram envolvidas na Guerra do Paraguai e que ficaram escondidas pelo tempo, pelo descaso e pelo preconceito. É também, questionar a dimensão de exclusão a que estavam submetidas por um discurso masculino e tentar abrir possibilidades na recuperação do seguimento feminino para, com isso visualizar e discutir outras temáticas, também relegadas ao esquecimento (DOURADO, 2005, p.16-17).

Essas novas abordagens abriram caminhos para construção de objetos e interpretações como o que buscamos desenvolver nessa pesquisa. Usar documentos e fontes que sempre serviram a história tradicional, para construir uma história social que se aproxime mais dos

indivíduos e que auxilie no processo de transformação no ensino de história. A compreensão de que vários elementos que permeiam um conflito e seu desenvolvimento podem servir para uma explicação histórica, nesse sentido o trabalho de Dourado tem uma relevância significativa. Por exemplo, quando a pesquisadora discute questões como doenças, penalidades, fome e formação do exército durante a guerra:

O que se deseja apontar e destacar é que as três forças armadas oficiais que atuaram na Guerra do Paraguai, sejam: Exércitos de Linha, Guardas Nacionais e Voluntários da Pátria, tinham origens em sua maior parte, em elementos não dotados de disciplina e ordem, oriundos de uma estrutura social não condizentes com normas e regras, tendo grandes dificuldades em se adaptar ao cotidiano do regime militar (DOURADO, 2014, p. 168-169).

Uma interpretação nessa vertente era impensável dentro da História Tradicional, pois coloca em questionamento a história que foi escolhida contar, a história dos vencedores. O trabalho de pesquisa que foi desenvolvido aqui está situado na perspectiva em que se apresenta a historiografia contemporânea sobre a guerra, pois entendemos que retomar o sujeito não significa recuperar a história tradicional, mas imprimir humanidade as suas ações e assim relacionar os fatos históricos e o cotidiano realizando uma aproximação que pode ser significativa para compreender a história do município. Ou seja, a crítica histórica sobre o personagem que se tornou um herói, apresentando o grupo o qual pertencia e relacionando aspectos sentimentais e sociais que fizeram parte das suas ações.

## CAPITULO 2

José Francisco Lopes, mineiro da cidade São Roque de Minas, nascido em 1811 tomou posse de terras na região Sul do então Estado de Mato Grosso desenvolvendo atividade pecuária, o fazendeiro teve suas terras invadidas e sua família sequestrada, esposa Dona Senhorinha Maria da Conceição Barbosa Lopes e quatro filhos, em 1864 no início da Guerra do Paraguai. Com o objetivo principal de resgatar sua família, José Francisco Lopes alistou-se voluntariamente no Exército brasileiro para guiar as tropas que iniciavam uma ofensiva por terra ao território paraguaio. Após o fim da guerra, Guia Lopes passou a ser considerado um herói do exército recebendo homenagens e monumentos. A questão contemporânea que buscamos enfatizar nesse trabalho é o impacto da representação desse herói para construção de uma história local e como isso é trabalhado em sala de aula.

### 2.1 O GUIA DA RETIRADA DA LAGUNA

As pesquisas acerca da Guerra do Paraguai durante muito tempo seguiu métodos propostos pela história tradicional e se preocupavam com as batalhas, os grandes heróis e os motivos da guerra, personagens como Guia Lopes ficaram à sombra de outros. Mencionado em trechos da obra *A Retirada da Laguna* de Visconde Taunay, o Guia é retratado como importante conhecedor da região, também como vingativo e provocativo. Outro material que pode ser usado para pensar essa representação é o monumento em homenagem aos heróis da Guerra do Paraguai situado na cidade do Rio de Janeiro. O Guia está na parte de baixo do monumento em uma posição que o coloca como homem comum em comparação aos militares. O fato de ser um homem de origem simples, sertanejo pode ser um dos motivos para essa representação. Sendo assim, as representações imagéticas ou literárias do Guia Lopes não serviriam para enaltecer a honra da Pátria. Pensando as representações como:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 2002, p.17).

As representações são construídas culturalmente e socialmente, e, portanto, passíveis de mudanças. Também são configuradas a partir de interesses institucionais de grupos que se relacionam em um certo tempo. Em determinado momento histórico era função da disciplina de história fixar as diretrizes de uma história nacional da elite, hegemônica, baseada na honra e na glória. Nesse espaço a história de um personagem como Guia Lopes não deve ser tomada aqui como continuidade dessa história. Ainda segundo Chartier em *A beira da Falésia* (2002) a ideia de representação nos permite relacionar três realidades, as representações coletivas, a exibição e de estilização de identidade, aquilo que deve ser reconhecido, afirmado ou esquecido. Isso tudo de acordo com as normas vigentes no contexto histórico onde os fatos se desenvolvem.

As representações literárias ou imagéticas foram firmadas por discursos, que por sua vez construíram uma memória transmitida oralmente pela comunidade local, o Guia Lopes é retratado como o salvador do exército brasileiro que guiou as tropas pela região que hoje formam o município e suas proximidades. A questão é que, muitas vezes não se conhece o personagem, sua história, da sua família, suas origens e seus aspectos humanos. Sendo assim ele foi o Guia, definição que nos limita entender as ações desse homem no seu tempo. Agora que já apresentamos de forma breve o herói Guia Lopes e algumas questões que permeiam a construção da representação desse personagem, passamos ao evento histórico que o levou ao patamar de herói, a Retirada da Laguna.

Durante a Guerra do Paraguai muitos episódios ficaram cristalizados na nossa história marcados por construções imagéticas, monumentais e narrativas, a Retirada da Laguna é um dos episódios que teve uma narrativa consagrada através da obra de Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay. Em *A Retirada da Laguna*, Taunay narra momentos diversos do movimento que a coluna brasileira fez ao adentrar o território paraguaio até Laguna (fazenda do então presidente Francisco Solano Lopez) e depois por estar em condições desfavoráveis, fome, doença e sem estrutura militar suficiente foram obrigados a se retirar do território. Podemos observar os dissabores pelo qual passava o exército brasileiro nesse trecho:

Caía a noite; havia um magnífico luar, cuja calma contrastava com os clarões sinistros de alguns finais de incêndios que erravam pelo campo. Quando nossos clarins deram afinal o toque de descansar, também os dos paraguaios soaram ao longe, como um eco zombeteiro. Tudo parecia insultar nossas mazelas: a fome trouxe-nos todas as suas torturas, e seu triste prelúdio é um desânimo que aniquila coragem e vontade. Carecíamos de tudo, o despojamento era completo: vestíamos todos farrapos, oficiais e soldados, mas a privação de calçados era, em razão do hábito, muito menos penosa a estes

do que aos primeiros, cujos pés estavam inchados e feridos (TAUNAY, 2003, p. 04).

O Guia Lopes que entrara na guerra motivado por o que havia sofrido sua família e na esperança de um reencontro, foi um dos instigadores dessa investida no território paraguaio que não foi bem sucedida. Com o passar dos dias e as condições cada vez mais precária da coluna liderada por Coronel Camisão, o Guia tinha como determinação apenas levar o homens sobreviventes até a sua fazenda Jardim. É interessante perceber que a obra de Taunay utiliza de uma linguagem literária que romantiza os episódios da guerra, mas não esconde as dificuldades, os erros, e os destemperos de seus personagens. Nesse aspecto notamos até mesmo naquele em que se apresenta como o herói da sua narrativa o notável e destemido Guia. A construção desse herói passa principalmente pelo tratamento que a historiografia militar deu a esse personagem da Retirada da Laguna, foi um soldado sem patente, mas reconhecido e homenageado pelo exército, como nessa cerimônia relatada por sua mulher:

[...] o guia dava ordens por quais caminhos deverão seguir para fugir aos assédios dos inimigos que os perseguiram e para melhor se orientar naqueles caminhos que ele tão bem conhecia. Que, sem as informações seguras de José não teria sido possível o percurso tanto na ida quanto da volta. Daí o seu o seu desempenho foi reconhecido o exército como heroico pois para aqueles que lhe pediam para poupar respondia com orgulho “Saibamos morrer os sobreviventes dirão o que fizemos. Ele sabia bem se encontravam os paraguaios, pelo movimento de animais ou pelo cheiro (MEDEIROS, 2012, p.130-131).

A referida homenagem ao Guia Lopes foi feita quando D. Senhorinha sua esposa foi convidada para a cerimônia onde se tornaria madrinha da bandeira do destacamento militar de Bela Vista, cidade fronteiriça com o Paraguai. O papel do Exército na construção da imagem do herói Guia Lopes foi decisiva, já que era civil, que se alistou ao Exército, não como muitos “voluntários da pátria”, mas segundo o que relata Taunay, por motivações primeiramente pessoais. Ainda no que confere os espaços simbólicos que o Exército brasileiro construiu temos o monumento, o busto de Guia Lopes que se encontra no 9º Batalhão de Suprimento (9º B Sup) em Campo Grande, MS que leva o nome de Batalhão Guia Lopes criado em 1989<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Ver imagem em: Guia Lopes da Laguna, Nossa Terra, Nossa Gente, Nossa História, 1858 a 1958. Dalmolin, José Vicente). Campo Grande, MS: Livraria e Editora ..., 2011. Disponível em: <https://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com/p/origem-do-nome-guia.html>.

## **CAPÍTULO 3**

A construção da memória individual ou coletiva pode partir da vivência ou transmissão oral, então são rememoradas passagens de um evento que passa por um filtro interno, e se concretiza no discurso, na oralidade. Porém, a memória também pode ser polida e transmitida por imagens e comemorações. São essas condições de produção da memória que foram elencadas, que as diferenciam da História, como notamos na proposta de Barros (2009):

Trataremos aqui de uma relação ambígua, complexa, mutuamente enriquecedora para cada um dos dois polos – a História e a Memória. Desde já, será oportuno atentar para o fato de que, se Memória e História são coisas distintas e geram espaços de saber diferenciados, tal como já propunham autores como Maurice Halbwachs, em meados do século XX. Na última década, tem sido particularmente enfatizada a diversidade de riquezas que pode ser trazida pela interpenetração entre as duas instâncias (BARROS, 2009, p.36).

Diante dessa diferenciação, a História percebe a memória como uma fonte que pode ser explorada, revisada e revisitada pelo historiador, considerando as críticas, mas sem se pautar em preconceitos metodológicos que limitam a pesquisa. A memória que é hoje contada sobre o Guia Lopes no município está permeada de simbolismos que relacionam a Guerra do Paraguai com os “enterros”, tesouros, uma memória a serviço de manter um imaginário coletivo. Paul Ricoeur quando fala da memória para mostrar sua relação com os tempos passados, presente e futuro, define o passado como elemento principal na constituição da memória: “Entende-se que a memória tem por objeto, não preferencial, mas exclusivamente, o passado” (2007, p.354).

### **3.1 O PAPEL DO PRESENTISMO NO ENSINO DE HISTÓRIA**

A memória cumpre um papel social que lhe é atribuído pelo meio social, mas isso não invalida seu uso na história. Sobre isso temos:

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra. Como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc (POLLAK, 1989, p.09).

Qual passado está presente nas memórias narradas sobre Guia Lopes pelos moradores mais antigos da cidade? Qual memória foi fixada como sendo a história do município? Ao realizar uma análise sobre essas indagações notamos algumas lacunas. Como, por exemplo, os moradores antigos tem preferência em destacar os grandes feitos, em narrar a grandiosidade e a coragem dos homens do passado numa tentativa de “inspirar” as ações de um outro tempo (presente). Dessa forma não é possível um conhecimento das características que deixam um personagem histórico mais próximo de um homem comum, pois ele não foi um homem comum. A memória construída não encontra espaço físico ou monumentos ou outro elemento que remete à ela, ou seja, está pautada principalmente na oralidade. Isso nos coloca uma outra problemática. Como a memória que é transmitida principalmente pela oralidade permanece na contemporaneidade digital, e na era do presentismo?

Os grandes debates sobre o ensino de história hoje no Brasil, destacam termos como, autoria e protagonismo, bem como, relacionam o ensino de história com a relevância que a disciplina deve apresentar para os estudantes. Posto isso, temos um embate entre presente e passado que não deve inferiorizar nenhum dos dois, e que nem sempre consegue ser significativo no trabalho em sala de aula. Ora, por que estudantes jovens inseridos na cultura do imediatismo estariam interessados em um personagem tão distante cronologicamente da sua história de vida? Como destaca Hartog:

[...] diretamente ligada a nossa incapacidade coletiva de escapar ao que agora e usual chamar, na França, “court-termisme”, ou seja, a busca do ganho imediato, e que eu prefiro denominar “presentismo”. O presente único: o da tirania do instante e da estagnação de um presente perpétuo” (HARTOG, 2003, p.11).

Portanto, seria assim necessário utilizar métodos que enlaçam presente/ passado / futuro, nas pratica pedagógicas no Ensino de História, utilizando os conteúdos do Referencial Curricular e pesquisa para embutir um significado ao passado, torná-lo necessário para compreender a História local. O presentismo não deve ser encarado como uma espécie de mal tenebroso.

A hipótese (o presentismo) e o instrumento (o regime de historicidade) são solidários, completam-se mutuamente. O regime de historicidade permite formular a hipótese e a hipótese leva a elaborar a noção. Pelo menos de início, um não anda sem o outro (HARTOG, 2003, p.11).

Compreender o conceito de presentismo, que não se trata da oposição ao presente, auxilia a propor práticas pedagógicas no campo da história que não ignora as discussões atuais

no campo da historiografia e podem ser transformadas em metodologias que melhorem o processo de ensino/aprendizagem. Para Hartog (2013), o regime de historicidade é a metodologia que é construída ao longo da pesquisa e análise. Portanto, o professor(a) deve estar aberto a mudanças metodológicas que a sociedade contemporânea impõe. Conhecer os debates teóricos é uma ferramenta para professores(as) que trabalham com jovens que provocam e questionam.

O Ensino de História é hoje um desafio diante da tecnologia e da diversidade de fontes e da confusão de informações que bombardeiam as mídias sociais. A História enquanto disciplina escolar precisa inovar e repensar seu papel.

A história tradicional construiu o herói Guia Lopes, estamos tomando aqui o conceito de herói concebido por Thomas Carlyle:

O herói pode ser poeta, profeta, rei, padre ou o que desejares, de acordo com o mundo no qual nasceu. Confesso que não tenho conhecimento de um verdadeiro grande homem que não pudesse ser todos estes tipos de homens. Imagino que exista no herói o poeta, o pensador, o legislador, o filósofo; em um ou outro grau, ele podia ter sido, ou melhor, ele é tudo isto (CARLYLE, 1986, p. 2; 105 apud CARDOSO, 2017).

O herói é aquele que salva a humanidade, que age nos momentos mais inóspitos, ele se caracteriza pela força, sinceridade e visão, o que permite sua ação no momento certo. A imagem do herói popular construída de José Francisco Lopes está diretamente relacionada a esse conceito.

Mas a história do município de Guia Lopes da Laguna, da Guerra do Paraguai e de José Francisco Lopes ainda hoje é uma realidade distante nas escolas do município. O exercício de dar significado e importância a esse passado, requer romper com a ideia de, quanto mais distante no tempo, mais obsoleto. Para Hartog (2013) o presentismo comprime o tempo, ele cria e recria o agora, o futuro já não importa porque não existe expectativa positiva sobre ele e o passado já não existe. Dentro dessa concepção incorporada principalmente pelas mídias para gerar consumo rápido e volúvel, o passado da Guerra do Paraguai, não traz nenhum significado ou atrai os olhares de um aluno que está inserido na lógica do agora.

Para Lara Mara de Castro Simam (p.115) em: *A temporalidade histórica como categoria central do pensamento histórico: Desafios para o Ensino e Aprendizagem* é necessário provocar as percepções de rupturas e continuidades entre presente/passado, mesmo quando não existem elementos do passado que nos fazem realizar essa tarefa, pois é isso que acaba dificultando “a compreensão da própria historicidade e da historicidade da sociedade da qual fazemos parte”.

No caso do objeto que destacamos neste trabalho a representação do Guia Lopes e sua relação com a história local, um dos grandes desafios é buscar aproximar o personagem histórico, o contexto da Guerra do Paraguai com a realidade vivida pelo aluno hoje, para além disso temos o problema da ausência de material didático que auxilie o professor nesse processo.

### 3.2 OS DESAFIOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

A questão que nos levou a pensar no nosso objeto de pesquisa foi, como essas novas abordagens historiográficas estão refletindo na prática do ensino de história? Apesar de historiadores terem se debruçado sobre essa temática à algum tempo essas pesquisas nem sempre têm chegado em sala de aula ou em edições de grande alcance, o que gera uma dificuldade para professores terem acesso à esse material. É notável que o mundo contemporâneo facilitou a divulgação de resultados de pesquisas pela internet, porém, as grandes editoras ainda continuam atendendo os interesses de um determinado grupo e isso é um fator que afeta diretamente o ensino nas escolas brasileiras. Sobre esse ponto Doratioto coloca:

Leva alguns anos até os resultados de uma pesquisa original chegarem aos livros didáticos dos ensinos Fundamental e do Médio. Muitas vezes editoras e autores de livros didáticos não querem fazer essas inclusões, por comodidade ou custo financeiro. Ademais, o professor do fundamental e do Médio, que é um herói, pois ganha pouco e trabalha muito em condições precárias, não tem tempo nem dinheiro para se atualizar (DORATIOTO, 2013, p.43).

Observamos o que aponta Doratioto muito presente dentro do ensino de história local e regional, a pesquisa do professor aposentado da rede pública estadual José Vicente Damolim ainda está somente em arquivos digitais, o que dificulta a divulgação ampla de informações e documentos que o autor coletou no âmbito escolar. Em um dos blogs que Damolim construiu temos no início da página esse título: *Nossa Terra, Nossa Gente, Nossa História no Ensino Fundamental livro paradidático, História e Geografia 1º ao 4º ano - um olhar para a cidadania*. Mesmo sendo um material que traz muitas informações e documentos e se vale do método científico de pesquisa, a linguagem muitas vezes utilizada pelo autor pode ser uma barreira para que o professor faça uso em sala de aula.

Nesse sentido, o professor pesquisador, o modelo de professor do século XXI, encontra na sua prática diária a desmotivação para realizar o garimpo de material e adaptá-los para que atenda os desafios da realidade da sala de aula.

Os desafios que se apresentam no ensino de história hoje, requer que o professor se reinvente todos os dias, busque a formação continuada e atue incessantemente como pesquisador. A grande tarefa dos professores de história na atualidade é oferecer ao aluno significado para o que está sendo ensinado,

[...] como levar os estudantes a perceberem os vínculos entre a História que lhes é ensinada, sua realidade histórica e/ ou sua situação no tempo presente, considerando o tempo histórico como um acúmulo de diferenças? Esse problema decorre de uma inquietação que tem sido recorrente na atividade de professores e pesquisadores, que se resume na discussão dos objetivos sociais do ensino de História. Ou seja, na consecução dos objetivos históricos do ensino dessa disciplina, qual seja o de fazer do ensino um espaço de construção de uma subjetividade cidadã (MONTEIRO, 2001, p. 172).

Essa questão já era apontada no início da década de 90 por Nadai (1992) que colocava as discussões acerca da crise no ensino de história e relacionava essa crise com a não capacidade das instituições escolares oferecerem respostas as demandas sociais. Isso na maioria das escolas a permanência somente de metodologias tradicionais está ligada a formação docente, aos recursos e materiais que o professor consegue ter acesso, e a burocracia escolar.

Quando pensamos o ensino de história nas escolas nos dias de hoje, precisamos considerar vários aspectos que influenciam nas práticas de professores e nas suas escolhas. Outro ponto que devemos refletir é que no espaço escolar, por exemplo, os processos de interação entre os diversos agentes escolares e sociais podem propiciar oportunidades valiosas para a construção do conhecimento. É considerando essas interações e momentos de protagonismo que escolhemos utilizar aqui a metodologia de oficina de ensino. Como destaca:

As novas interpretações sobre aprendizagem conceitual e a importância das interferências sociais e culturais nesse processo erigiram o aluno, ou o aprendiz e seu conhecimento prévio como condição necessária para a construção de novos significados e esquemas. Como consequência a psicologia social passou a contribuir para reflexão acerca das sequências de aprendizagens, partindo do conhecimento prévio do aluno (BITTENCOURT, 2008, p.189).

De acordo com Elza Nadai (1992) a história temática, por exemplo, quando se vale das novas abordagens no ensino de história utilizando fontes variadas e discursos múltiplos, traz para sala de aula aspectos que provocam o diálogo, pois essa diversidade de fontes pode gerar contradição de interpretação, divergências ou completar uma informação obtida em outro

momento da aprendizagem. Ou seja, atividades cognitivas que levam o aluno a pensar historicamente de forma crítica.

Algumas metodologias de ensino hoje apresentam a capacidade de colocar o conhecimento prévio como integrante do processo de aprendizagem, inclusive as oficinas de ensino. No entanto, precisamos definir o que compreendemos por oficina de ensino e levantar as questões que ainda são colocadas como barreira em sala de aula e impedem algumas vezes os professores de fazerem uso dessa metodologia.

Quando propomos uma reflexão sobre o ensino de história na atualidade precisamos refletir algumas questões que envolvem a atuação dos professores em sala, o saber docente e sua prática. Para realização dessa discussão apresentamos a análise de algumas respostas que foram obtidas através da aplicação de questionário aos professores da educação básica que atuaram nas escolas públicas do município de Guia Lopes da Laguna no ano de 2019. O objetivo da elaboração e aplicação desse questionário foi buscar coletar informações objetivas que resumam a prática desses docentes em sala, bem como compreender como eles trabalham a temática Guerra do Paraguai e a história do município.

Antes de iniciarmos as reflexões e análise das respostas obtidas com aplicação do questionário, cabe aqui conceituar o que chamamos de oficinas pedagógicas e entendemos como uma metodologia de aprendizagem que muito tem a contribuir com o Ensino de História. Vieira e Volquind (2002, p. 11) conceituam como sendo “um tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto; um caminho com alternativas, com equilíbrios que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer”. Sendo assim as oficinas pedagógicas utilizadas por qualquer disciplina no contexto escolar provoca essa aproximação entre objeto e sujeito, essa relação gera outras reações que contemplam o processo de construção do conhecimento, uma destas reações é a busca do aluno por significado, o aluno quando se envolve na execução de uma oficina pedagógica ele coloca sua curiosidade e criatividade agir, para construção de algo novo, a partir da fonte que lhe é apresentada.

Mas como será que os professores do município de Guia Lopes da Laguna que trabalham a disciplina de História compreendem o conceito de oficina? Quais são as práticas mais utilizadas por eles? E quais dificuldades enfrentam quando tentam utilizar uma nova metodologia de ensino em sala de aula? Para pensar essas questões do ponto de vista do professor é que nessa etapa da pesquisa foi aplicado um questionário composto de quatro questões objetivas de múltipla escolha e duas dissertativas. Responderam ao questionário três

professores que atuaram na disciplina de História no ano de 2019, sendo dois da rede estadual e um da rede municipal.

Na primeira pergunta do questionário foi inquirido sobre a metodologia de ensino mais utilizada por esses professores em sala de aula. Os três participantes da pesquisa apontaram a aula expositiva dialogada como resposta. Compreendemos essa metodologia e suas possibilidades principalmente quando o professor consegue estabelecer um espaço dinâmico de troca por meio do diálogo, sendo que, a grande armadilha em relação ao uso dessa metodologia é o emprego de conceitos. O professor precisa observar isso na sua oralidade, pois é comum se utilizar de palavras que fazem parte do cotidiano que, inseridas em um contexto histórico específico se transforma em um conceito complexo que o aluno não entende.

Para Bittencourt “O risco maior de utilizar um conceito do senso comum ou proveniente de outros campos de estudos é perder seu sentido histórico e empregá-lo de forma atemporal” (2008, p.194). Uma das problemáticas que pode ser discutida no uso dessa metodologia é a configuração da sala tradicional, onde o professor está a frente expondo seu conhecimento teórico acadêmico buscando apresentar ferramentas para o aluno construir seu conhecimento histórico e o aluno está na condição de um receptor. Dessa forma, o professor e aluno estão distanciados por uma barreira que pode dificultar o aluno, pois este não se sente à vontade para perguntar algo se ele não entendeu.

Temos três definições de oficinas pedagógicas diferentes, de acordo com os professores que participaram da pesquisa. O primeiro define oficinas pedagógicas como “Conjunto de ações pedagógicas variadas, cujo objetivo final é fazer com que os alunos façam algum tipo de produto”. Como segunda definição temos, “Metodologia de ensino que promove a interação de saberes, professor x aluno, professor x professor e aluno x aluno”. O último conceito apresentado foi: “É espaço que desafia os estudantes a refletir e produzir”. Na primeira definição notamos que o conceito de oficina está limitado ao produto final que o aluno irá entregar, isso limita um pouco o objetivo de aplicar essa metodologia em sala.

As duas últimas definições nos mostram que esses professores compreendem a oficina como um momento de troca, interação e construção como observamos em:

Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva (PAVIANI; FONTANA, 2008, p.78).

Quando os professores que participaram da pesquisa foram questionados sobre a possibilidade de usar a metodologia das oficinas dentro do Ensino de História no Ensino fundamental, as respostas foram: “Sim, nossos estudantes são bastantes curiosos e dispostos a desafios. Gostam de metodologias onde eles podem contribuir na construção do saberes”.

Resposta 2: “Parcialmente, depende muito do envolvimento e interesse do aluno”. E a última pontua: “É possível, mas sempre temos que considerar as condições que a sala oferece, pois muitas vezes a gente inicia, mas não consegue fazer um encerramento”.

Essas respostas apontam como os professores que estão atuando em sala enxergam o uso de novas metodologias, bem como as dificuldades cotidianas que podem influenciar o não uso delas em sala de aula.

A ideia de elaborar três oficinas de ensino de história para tratar da temática Guerra do Paraguai e o personagem Guia Lopes, busca oferecer uma alternativa de material didático acessível e de fácil aplicabilidade em sala considerando todas as questões levantadas anteriormente. A oficina de ensino é uma metodologia que oferece conteúdo, construção e análise.

O professor mediador deverá inserir a temática previamente, de forma geral, utilizando vídeos, informações do livro didático, ou resumo, resultado de sua própria pesquisa em outros materiais que falam do tema Guerra do Paraguai. É necessário também que o professor mediador esclareça para os alunos antes de aplicar as oficinas qual foi o motivo que o levou a fazer essa escolha. Nesse momento o professor deve enfatizar a ideia do dinamismo e da participação do aluno, dois pontos importantes que fazem de uma oficina de ensino uma das metodologias que mais se destacam na atualidade. As sugestões das oficinas e o questionário aplicado estão em anexo na parte final desse trabalho.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho aqui desenvolvido buscou discutir alguns pontos relacionados ao Ensino de História, e suas práticas no que diz respeito ao tema Guerra do Paraguai e História Regional. Compreende-se a disciplina de História como um dos caminhos para que os alunos consigam refletir sobre e conhecer o local em que estão inseridos, os grupos que compõe aquela sociedade e como tudo isso constitui uma história regional que precisa ser estudada. A Guerra do Paraguai se apresenta como um tema que pode ser explorado pelo professor de História pra trabalhar as questões indígenas, a história local, a formação dos grupos sociais, a economia que se desenvolveu no nosso Estado pós guerra entre outra inúmeras possibilidades.

Esse novo ensino de História que faz uso de novas metodologias e novos recursos precisa nascer das pesquisas que nós professores de História realizamos, e não estou falando apenas daquelas que academia desenvolve, mas também das pesquisas que realizamos para sustentar didática e teoricamente nossas aulas. A organização desse material é importante pois pode ajudar outros professores. Nossa preocupação enquanto professores atuantes precisa ser essa buscar caminhos que de aprendizagens possíveis entre a teoria e a prática, fazer com isso seja significativo para os alunos e ajude o trabalho do professor em sala de aula.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, J.; SILVA M.A. da. **República em migalhas**: a história regional e local. São Paulo, Editora Marco Zero, 1990.

BARROS, José D' Assunção. **História e Memória** - uma relação na confluência entre tempo e espaço. Mouseion, v. 3, n.5, Jan.-Jul. 2009. Disponível em: <[https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs\\_online/artigos/mouseion/2009\\_v3\\_n5/jdbarros.pdf](https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/artigos/mouseion/2009_v3_n5/jdbarros.pdf)> Acesso em: 11 jul. 2020.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História Fundamentos e métodos**, 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia/ Secretaria de Educação Fundamental**. - Brasília :MEC/SEF,1997.

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LEI N.º 9.394. 20 dez. 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>. Acesso em: 01 jan. 2020.

CARDOSO, Thiago Mendes. **O anti-herói [manuscrito] da literatura à educação/** Thiago Mendes Cardoso. 2017. 80 f.; 30 cm Texto em português com resumo em inglês Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Goiânia, 2017.

CHARTIER, Roger. **A Beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **Memória e Sociedade**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

CURRÍCULO DE REFERÊNCIA DE MATO GROSSO DO SUL: educação infantil e ensino fundamental / Organizadores Helio Queiroz Daher; Kalícia de Brito França; Manuelina Martins da Silva Arantes Cabral. Campo Grande: SED, 2019.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **A História esquecida da Guerra do Paraguai**: fome, doenças e penalidades. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis**: a presença feminina na Guerra do Paraguai. Campo grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

HARTOG, François, **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli e FONTANA, Niura Maria. **Oficinas pedagógicas:** relato de uma experiência. Conjectura, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009.

SECRETARIA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. **Plano Estadual de Educação.** Campo Grande - MS/2014. Disponível em: <http://www.sed.ms.gov.br/wpcontent/uploads/2015/05/pee-ms-2014.pdf>.

SQUINELO, Ana Paula. **Revisões historiográficas:** a Guerra do Paraguai nos livros didáticos brasileiros – PNLD 2011. Diálogos, v. 15, n. 1, p. 19-39, 2011.

SQUINELO, Ana Paula. **A Guerra do Paraguai, essa desconhecida... ensino, memória e história de um conflito secular.** Campo Grande: Ed. UCDB, 2002.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle (Visconde de). **A Retirada da Laguna:** episódio da Guerra do Paraguai. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino:** O quê? Por quê? Como? 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

## 6. ANEXO A: Propostas de oficinas

### Proposta 1:

**Apresentação do tema:** Utilizando informações disponíveis no blog Historiografia mato-grossense, a professora irá falar brevemente de como a província de Mato Grosso se tornou um dos teatros da Guerra do Paraguai. Essa parte deve ser realizada brevemente, já que se assume que a temática foi previamente apresentada na aula anterior.

**Sensibilização:** Utilizando a leitura do seguinte trecho da obra *A Retirada da Laguna*, em slides “Ao norte, do lado de Mato Grosso eram as operações infinitamente mais difíceis, não só porque ocorriam a milhares de quilômetros do litoral atlântico, onde se concentram todos os recursos do Brasil, como ainda por causa das inundações do rio Paraguai, que cortando na parte superior do curso, terras baixas e planas, transborda anualmente, a submergir então regiões extensíssimas. Consistia o plano de ataque mais natural em subir as águas do Paraguai, do lado da Argentina, até o coração da república inimiga e, do Brasil, descê-las a partir de Cuiabá, a capital mato-grossense que os paraguaios não haviam ocupado. Teria impedido à guerra arrastar-se durante cinco anos consecutivos esta conjugação de esforços simultâneos. Mas era-lhe a realização extraordinariamente difícil, devido às enormes distâncias a transpor. Basta lançar os olhos sobre um mapa da América do Sul e examinar o interior do Brasil, em grande parte desabitado, para que qualquer observador de tal se convença logo (TAUNAY, 2003, p. 05).

**Atividade em dupla:** Após lerem e refletirem sobre o trecho citado. Crie dois personagens que conversem sobre as dificuldades que existiam na província de Mato Grosso naquele período que foram destacadas pelo autor. Importante: o aluno deverá ser orientado para utilizar na sua produção uma linguagem cotidiana e atual, pode fazer uso de gírias e outros termos. Podem ser usados recortes de revistas ou desenho, o produto final deve ser apresentado em cartaz.

**Recursos:** Aparelho integrado projetor, revistas e cola.

**Duração:** duas horas aulas

**Avaliação:** Apresentação do cartaz para a turma

**Referência:** <https://historiografiamatogrossense.blogspot.com/2011/06/guerra-do-paraguaiem-mato-grosso>.

### Proposta 2:

**Apresentação do tema:** O professor mediador pode iniciar a oficina provocando algumas questões sobre quem foi Guia Lopes. Verificação do conhecimento prévio.

**Sensibilização:** Para iniciar essa etapa o professor mediador deve lançar a seguinte questão: Vocês imaginam como pensava um homem fazendeiro que se tornou Guia durante a Guerra do Paraguai? Iremos trabalhar aqui nessa oficina duas fontes que apresentam características da personalidade do Guia Lopes, um trecho da obra *A Retirada da Laguna* e do livro *Senhorinha Barbosa Uma história de resistência feminina na Guerra do Paraguai*. Vejamos:

Trecho I: “Por todas estas razões, nele encontrou o coronel Camisão apaixonado adepto. Desde que, dando-lhe a conhecer os seus projetos, acenou a José Francisco Lopes com o ensejo de, como guia da expedição, ir ter com a família e **vingar-lhe** os agravos, empolgou o espírito do sertanista brasileiro, que, apesar de todo o ardor, jamais perdeu, contudo, a perfeita intuição das conveniências. Assim, nunca esquecendo a **modéstia da posição**, frequentemente dizia: "Nada sei, sou sertanejo; os senhores que estudaram nos livros é que sabem". Era-lhe o **orgulho** num único ponto irredutível, no que tocava ao conhecimento do terreno, legítima **ambição**, além do mais, pois dela nos proveio a salvação. "Desafio, exclamava, todos os engenheiros com as suas agulhas (bússolas) e plantas. Nos campos da Pedra de Cal e Margarida **sou rei**. Só eu e os índios Cadiueus conhece os tudo isto"(TAUNAY, 2003, p.12).

Trecho II: “No Paraguai não teve nenhuma notícia de José, que ficara no Brasil. Quando ela foi levada prisioneira, ele estava na comitiva para a vila de Miranda, conduzindo uma boiada. E Senhorinha o censura para mim:” **Ele bem que sabia da situação**, poderia ter evitado aquela comitiva, e de alguma forma nos defendido daqueles soldados” (MEDEIROS, 2012, p.104).

**Atividade em dupla:** Com base na leitura dos trechos acima, considerando o momento de guerra e a individualidade de cada sujeito os valores e crenças daquele período. Elabore uma frase que poderia resumir a personalidade do Guia.

**Recursos:** Cópias

**Duração:** uma hora aula

**Avaliação:** Os alunos devem compartilhar através da leitura das frases suas produções.

### **Proposta 3**

**Apresentação do tema:** Durante esse tempo poderá ser usado uma imagem e seu contexto histórico de produção pra falar de como as imagens são produzidas e sua função política e social

**Sensibilização:** Em seguida serão apresentadas para a turma duas imagens de monumentos que representam o herói Guia Lopes. A primeira trata-se do monumento que está localizado no Rio de Janeiro em homenagem aos heróis de Laguna e Dourados. Destacar a imagem que representa o Guia Lopes. A segunda imagem é o monumento construído, inaugurado na cidade no início desse ano, no dia do aniversário da cidade, 19 de março.



**Figura 1:** Principado de Guia Lopes da Laguna.

**Fonte:** Foto retirada da página do Facebook, no dia 05 de julho de 2020.

**Atividade:** Após observar as imagens atentamente, os alunos serão divididos em dupla e irão escolher uma das imagens e justificar por meio da gravação de uma áudio qual delas representa melhor quem foi o personagem Guia Lopes. Para que a atividade se desenvolva é necessário que o professor contextualize historicamente na apresentação do tema o momento de produção de cada um dos monumentos que serão analisados pelos alunos.

**Recursos:** Aparelho integrado projetor e celular

**Duração:** 2 horas aula

**Avaliação:** Compartilhar o áudio com a turma e discutir quais foram as diferenças e semelhanças pontuadas.

**Referências:** <http://www.maisrio.com.br/monumento-aos-herois-de-lagunas-e-dourad>

**7. ANEXO B:** Questionário aplicado aos professores atuantes na educação básica na disciplina de História do Município de Guia Lopes da Laguna.

**Questionário aplicado para professores da educação básica da disciplina de História do Município de Guia Lopes da Laguna.**

Nome da instituição: Escola Estadual Celso Lopes

Formação: História

**Tempo de atuação na Educação:**

1-Com relação as metodologias de ensino e avaliação da disciplina de História, aponte aquela que você utiliza com maior frequência:

☒ Aula expositiva dialogada

☐ Seminários em grupo

☐ Oficinas temáticas

☐ Outras

2-Para trabalhar os conteúdos relacionados a História Local e Regional. Como você classifica o seu acesso e conhecimento dos materiais didáticos e fontes?

☐ Insuficiente

☐ Regular

☒ Bom

☐ Ótimo

3- O livro didático selecionado pela sua instituição para ser utilizado na disciplina de História apresenta um capítulo específico sobre a Guerra do Paraguai?

☒ Sim

☐ Não

4- Assinale a alternativa que melhor define como é realizada a escolha das fontes e materiais para trabalhar o Ensino de História Local?

☒ Através de pesquisas na internet.

☐ Através de sugestões e indicações da coordenação e outros professores.

☐ Através de leituras bibliográficas organizo meu próprio material.

☐ Não trabalho as temáticas, pois os conteúdos não estão apresentados no livro didático.

5- Como você define uma Oficina de Ensino? É o espaço que desafia os estudantes a refletir e produzir.

6-Você acredita que é possível aplicar as oficinas dentro do Ensino de História no Ensino Fundamental? Justifique: É possível, mas sempre temos que considerar as condições que a sala oferece, pois muitas vezes a gente inicia mas não consegue fazer o encerramento.

**Questionário aplicado para professores da educação básica da disciplina de  
História do Município de Guia Lopes da Laguna.**

Nome da instituição: E.M. Barão Barboza

Formação: Licenciatura em História

Tempo de atuação na Educação: 2 anos.

1-Com relação as metodologias de ensino e avaliação da disciplina de História, aponte aquela que você utiliza com maior frequência:

- ☒ Aula expositiva dialogada  
☐ Seminários em grupo  
☐ Oficinas temáticas  
☐ Outras

2-Para trabalhar os conteúdos relacionados a História Local e Regional. Como você classifica o seu acesso e conhecimento dos materiais didáticos e fontes?

- ☐ Insuficiente  
☐ Regular  
☒ Bom  
☐ Ótimo

3- O livro didático selecionado pela sua instituição para ser utilizado na disciplina de História apresenta um capítulo específico sobre a Guerra do Paraguai?

- ☒ Sim  
☐ Não

4- Assinale a alternativa que melhor define como é realizada a escolha das fontes e materiais para trabalhar o Ensino de História Local?

- ☐ Através de pesquisas na internet.  
☐ Através de sugestões e indicações da coordenação e outros professores.  
☒ Através de leituras bibliográficas organizo meu próprio material.  
☐ Não trabalho as temáticas, pois os conteúdos não estão apresentados no livro didático.

5- Como você define uma Oficina de Ensino?

*Um conjunto de ações pedagógicas variadas, cujo objetivo final é fazer com que os alunos façam algum tipo de produto.*

6-Você acredita que é possível aplicar as oficinas dentro do Ensino de História no Ensino Fundamental? Justifique:

*Parcialmente. Depende muito do envolvimento e interesse dos (dos) alunos.*

**Questionário aplicado para professores da educação básica da disciplina de  
História do Município de Guia Lopes da Laguna.**

Nome da instituição: E.E. Salome de Melo Rocha

**Formação:**

**Tempo de atuação na Educação:**

1-Com relação as metodologias de ensino e avaliação da disciplina de História, aponte aquela que você utiliza com maior frequência:

☒ Aula expositiva dialogada

☐ Seminários em grupo

☐ Oficinas temáticas

☐ Outras

2-Para trabalhar os conteúdos relacionados a História Local e Regional. Como você classifica o seu acesso e conhecimento dos materiais didáticos e fontes?

☒ Insuficiente

☐ Regular

☐ Bom

☐ Ótimo

3- O livro didático selecionado pela sua instituição para ser utilizado na disciplina de História apresenta um capítulo específico sobre a Guerra do Paraguai?

☐ Sim

☒ Não → Aparece no capítulo de "Segundo Reinado"

4- Assinale a alternativa que melhor define como é realizada a escolha das fontes e materiais para trabalhar o Ensino de História Local?

☐ Através de pesquisas na internet.

☐ Através de sugestões e indicações da coordenação e outros professores.

☒ Através de leituras bibliográficas organizo meu próprio material.

☐ Não trabalho as temáticas, pois os conteúdos não estão apresentados no livro didático.

5- Como você define uma Oficina de Ensino?

→ Metodologia de ensino que promove interação de saberes: professores, alunos, professores, alunos

6-Você acredita que é possível aplicar as oficinas dentro do Ensino de História no Ensino Fundamental? Justifique:

→ Sim. Nossos estudantes são bastante curiosos e dispostos a desafios, gostam de metodologias onde eles podem contribuir na construção de saberes.